

ARTIGO

MISSÃO E ALTERIDADE:

Em busca de um paradigma encarnacional na prática missionária intercultural

MISSION AND ALTERITY: in search of an incarnational paradigm for intercultural missionary practice

Daniela Amaral de Paula⁵²

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão crítica acerca da práxis missionária da Igreja Ocidental, contrastando o paradigma colonialista e eclesiocêntrico com o modelo bíblico-encarnacional da *Missio Dei*. A partir da intersecção entre Missiologia e Antropologia, analisa-se a cultura como um sistema integrado de crenças e valores, enfatizando a cosmovisão como o núcleo fundamental que exige uma transformação radical e um confronto de lealdades no processo de conversão genuína. O estudo percorre os conceitos de alteridade, identificação e encarnação, utilizando o autoesvaziamento de Cristo (*kenosis*) como referencial ético para superar posturas imperialistas, etnocêtricas e paternalistas que historicamente silenciaram o "outro". Por fim, discute-se a urgência da contextualização e da equivalência dinâmica na eclesiologia, defendendo a autonomia e a liberdade das comunidades locais frente à exportação de modelos monoculturais estrangeiros. A pesquisa conclui que uma prática missionária verdadeiramente centrada no Evangelho e decolonial requer uma postura relacional e sacrificial, que reconheça o outro como portador da *Imago Dei* e sujeito ativo no Reino de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Missão; Antropologia; Decolonialidade; *Missio Dei*; Contextualização; Cosmovisão.

ABSTRACT

This article proposes a critical reflection on the missionary praxis of the Western Church, contrasting the colonialist and ecclesiocentric paradigm with the biblical-incarnational model of the Missio Dei. From the intersection of Missiology and Anthropology, culture is analyzed as an integrated system of beliefs and values, emphasizing the worldview as the fundamental core that requires radical transformation and a confrontation of loyalties in the process of genuine conversion. The study explores the concepts of alterity, identification, and incarnation, utilizing the self-emptying of Christ (kenosis) as an ethical framework to overcome imperialist, ethnocentric, and paternalistic stances that have historically silenced the "other". Finally, it discusses the urgency of contextualization and dynamic equivalence in ecclesiology, advocating for the autonomy and freedom of local communities against the exportation of foreign monocultural models. The research concludes that an integral and decolonial mission requires a relational and sacrificial posture that recognizes the other as a bearer of the Imago Dei and an active subject in the Kingdom of God.

KEYWORDS: Mission; Anthropology; Decoloniality; *Missio Dei*; Contextualization; Worldview.

⁵² Graduada em Relações Internacionais e mestranda em Divindade pelo Seminário Teológico Servo de Cristo – Brasil. ORCID: 0009-0002-3988-0570

INTRODUÇÃO

A intersecção entre o estudo da Missiologia e da Antropologia buscou trazer uma reflexão crítica quanto à nossa prática missionária, enquanto Igreja Ocidental e Brasileira, que comumente é baseada em uma postura colonialista e imperialista, reduzindo o trabalho missionário ao cumprimento de metas e agendas ministeriais (Nascimento, 2015). No lugar disso, a proposta que se oferece é um retorno às bases bíblicas que devem guiar nossa prática missionária, inspirado na própria atuação de Jesus com Seus discípulos, um modelo de atuação que se baseia na identificação e no relacionamento.

De acordo com o Relatório de Willowbank (Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1983), esse modelo de atuação pautado na alteridade também pode ser traduzido como princípio da “equivalência dinâmica”, que nada mais é do que a comunicação do evangelho com fidelidade bíblica e relevância cultural. Tal abordagem rompe com a concepção da evangelização como imposição cultural, prática realizada durante muitos anos tanto pela Igreja Católica, no contexto das Grandes Navegações, quanto pelos protestantes, especialmente no período do neocolonialismo. A verdade é que essa marca na história persiste até a atualidade, ainda guiando consideravelmente a atuação de alguns grupos cristãos na compreensão da Grande Comissão.

Por muito tempo, os frutos de uma verdadeira conversão foram confundidos — e, em diversos contextos, isso ainda ocorre — com uma adequação cultural, sobretudo das culturas de países emergentes e do chamado Terceiro Mundo aos padrões culturais norte-americanos e europeus. Em outras palavras, a agenda política, ideológica, social e cultural equiparou-se ao próprio Evangelho. No entanto, uma revisão crítica desse modelo e um olhar honesto e fidedigno às Escrituras nos levam a compreender que a conversão genuína implica uma mudança e transformação radical da nossa cosmovisão, bem como da nossa lealdade, levando-nos ao confronto do mal e do pecado em todas as culturas — a começar pela nossa própria.

O modelo de autoesvaziamento de Jesus Cristo deve ser o nosso modelo para um testemunho fiel, que respeite o outro, pratique a alteridade e evite uma postura dominadora, pois nos leva a desconfiar de nós mesmos e, antes de tudo, a olhar para o próprio pecado do nosso coração. Tal postura nos leva a olhar o outro com humildade, compreendendo que somos todos pecadores e falhos, carentes da graça de Cristo — e necessariamente nos tira de qualquer posição arrogante de superioridade.

É a partir dessa reflexão principal que este artigo parte, analisando os blocos de aula com seus conceitos-chave, definições e tensões críticas, tanto as apresentadas pela professora Analzira quanto as presentes na bibliografia proposta e nas apresentações dos professores convidados.

FUNDAMENTOS DA ANTROPOLOGIA E DEFINIÇÃO DE CULTURA

O estudo da Antropologia pode ser um aliado da Missiologia, especialmente por se tratar de uma ciência que busca compreender o ser humano em seu mundo e tudo o que o compõe, especialmente a sua cultura. Segundo o missiólogo Ronaldo Lidório, o ser humano é o único “[...] ser em cultura, que se define a partir de sua história, suas ideias e seu envolvimento social. Difere dos outros seres vivos por ser o único possuidor de cultura e transmissão cultural” (Lidório, 2011, p. 39). Nesse sentido, a compreensão do outro e de tudo o que o compõe pode nos auxiliar em uma prática missionária e em um anúncio do Evangelho ainda mais efetivos – uma vez que se entende que o Evangelho todo é para o ser humano como um todo.

Antes de tudo, porém, é importante definirmos o que é cultura e por que ela é relevante para o anúncio do Evangelho. A partir da Antropologia, pode-se definir cultura como um sistema integrado de crenças, valores, costumes e instituições que une os seres humanos enquanto sociedade, proporcionando-lhes identidade, dignidade, segurança e continuidade (Hiebert, 2001). Também pode ser compreendida como um legado social que o indivíduo adquire do grupo ao qual pertence (Marconi; Presotto, 2001), implicando um conjunto de modos de fazer, interagir e representar o mundo (Geertz, 1989).

Contudo, uma definição ainda mais importante para nós enquanto Igreja diz respeito àquilo que está no centro da cultura e compõe seus pressupostos fundamentais sobre a realidade: a cosmovisão. Trata-se das lentes pelas quais percebemos, interpretamos, estruturamos e respondemos à realidade.

O entendimento e o estudo da cultura exigem profundidade, indo além do comportamento superficial. De acordo com o modelo proposto por Lloyd Kwast (2009, p. 398), podemos compreender a cultura em quatro camadas:

1. Costumes e comportamentos: dizem respeito à superfície, àquilo que é visível – como linguagem, vestimenta, culinária e afins;
2. Valores: aquilo que determina os costumes e comportamentos – o que é considerado bom e belo;
3. Crenças: aquilo que guia e molda os valores culturais, bem como suas decisões – trata-se da compreensão coletiva do que é verdadeiro e real;
4. Cosmovisão: o nível mais profundo, responsável por gerar as crenças de uma sociedade e por orientar, a partir de pressupostos subjacentes da realidade, o julgamento do que é certo e errado.

Quando abordamos o paradigma missiológico que guia a nossa prática missionária, fazemos isso porque, em muitos momentos ao longo da história, a Igreja Ocidental focou naquilo que

constitui a superfície da cultura. Ou seja, a compreensão da transformação do Evangelho restringia-se àquilo que diz respeito a “usos e costumes”. Assim sendo, focou-se em uma imposição cultural, mas que em nada gerava uma transformação genuína de vida, levando a contradições expressas tanto na vida do indivíduo quanto no coletivo. Um exemplo significativo dessa lógica é o próprio período escravagista, no qual, por muitos anos, a Igreja não somente foi conivente com a existência de escravizados negros – contradizendo a doutrina da Imago Dei – como também se utilizou de argumentos pautados em uma interpretação distorcida da história bíblica para justificar tal prática socioeconômica e cultural pecaminosa.

Em contrapartida, a proposta do Evangelho busca um nível de transformação ainda mais profundo, que toca e diz respeito à nossa cosmovisão. A compreensão bíblica da narrativa da história da redenção – de que vivemos em um mundo perfeitamente criado por Deus, porém marcado e quebrado pelo pecado, e de que, em Cristo, Deus está restaurando todas as coisas, a começar pela nossa relação com Ele e alcançando toda a realidade criada – é o que verdadeiramente transforma o coração humano, suas relações e também a cultura e a sociedade.

Portanto, a lógica do Evangelho é a que deve guiar tanto a nossa práxis missional quanto a missionária.

PARADIGMAS MISSIOLÓGICOS E CRÍTICA AO COLONIALISMO

Após a reflexão inicial sobre o modelo de ação missionária marcado por uma lógica colonialista, adotado pela Igreja Ocidental por tanto tempo, podemos comparar essa prática dominante à prática proposta pelo Evangelho.

O modelo colonialista é, em suma, eclesiocêntrico. A Missão é reduzida a um “departamento” da Ecclesiologia, ou seja, torna-se serva da Igreja a fim de cumprir ambições e propósitos denominacionais. Em contrapartida, a práxis do Evangelho, que aqui denominaremos de decolonial, tem a sua centralidade na *Missio Dei*. Compreende-se, então, que Deus está em Missão pelo mundo, trabalhando ativamente pela Redenção de Sua Criação, e a Igreja tem o privilégio de ser parte atuante, cooperadora com Ele. A Igreja, então, encontra-se a serviço da Missão, e não o contrário.

Essa compreensão é o que dirige o *modus operandi* do(a) missionário(a). Se compreendemos ser a Missão serva da Igreja, nossa abordagem passa a ser verticalizada e silenciadora – uma vez que o objeto de alcance da Missão, o outro, passa a ser uma “meta” de uma agenda denominacional e eclesiástica. Do contrário, se compreendemos ser a Igreja instrumento e serva da Missão de Deus, nossa abordagem torna-se a mesma de Jesus – encarnacional e relacional. Entendemo-nos como iguais ao outro, e nosso interesse passa a ser fazer parte da mesma família de Cristo.

Nessa visão de igualdade, rompe-se a noção de “nós e eles” (Adichie, 2009). E, uma vez que Deus nos chama para sermos parte atuante da Sua Ação de Redenção no mundo, compreendemos que o mesmo faz com aqueles que Ele nos enviou para alcançar. Assim sendo, nossa práxis é guiada pela noção de parceria, de fazer e atuar em conjunto – e não de fazer para eles (paternalismo).

O paradigma de prática missionária baseado em uma interpretação correta do papel da Igreja na sociedade do Evangelho decoloniza a nossa visão, levando à ruptura com o etnocentrismo e a intolerância (eclesiocentrismo), bem como com o apagamento do outro em detrimento de uma falsa “caridade”, motivada pelo sentimento de “dó” (paternalismo). Em contrapartida, ao enxergar o outro como igual, esse paradigma nos leva ao respeito pela *Imago Dei* carregada nele, à humildade e ao autoesvaziamento, ao diálogo e à escuta ativa, bem como a uma cultura de fronteira – na qual ocorrem trocas culturais que enriquecem a diversidade do Corpo de Cristo.

CONTEXTUALIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO ENCARNACIONAL

A nossa Contextualização e Identificação Encarnacional devem começar pelo reconhecimento e ter como base a Doutrina da Encarnação de Cristo. Jesus, embora sendo Deus, esvaziou-se, assumindo a forma de servo, a fim de que pudéssemos contemplar a Sua luz – a Luz de Deus sobre os homens (Filipenses 2, NVI). Portanto, a Contextualização deve partir de uma apresentação do Evangelho que honre a Cristo, seja fidedigna aos Seus ensinamentos e, ao mesmo tempo, O apresente por meio de formas culturais e sociais reconhecidas pela comunidade receptora.

No que diz respeito à apresentação fiel do Evangelho, precisamos ter em mente as seguintes características relacionadas às dimensões culturais:

1. O Evangelho é supracultural – está acima de toda e qualquer cultura;
2. O Evangelho é multicultural – Deus chamou para Si povos de todas as línguas, etnias e nações;
3. O Evangelho é transcultural – Deus comissiona a Sua Igreja para anunciar esse Evangelho para além de sua própria língua, etnia e nação;
4. O Evangelho é contracultural – uma vez que ele é supracultural, confronta-nos em nossos contratos sociais, produzindo em nós uma transformação de cosmovisão.

Ao nos depararmos com essas características, compreendemos o desafio e a responsabilidade do anúncio do Evangelho. Contudo, apesar das nossas limitações ante essa realidade, temos em Cristo o modelo perfeito de Identificação e Encarnação. Os requisitos da Identificação exigem uma autêntica atitude de respeito. Isso implica dar a própria vida e até mesmo arriscar-se em favor do

amor a Deus e ao próximo. Em Jesus, vemos Aquele que se identificou a ponto de chamar Seus discípulos de amigos e dar a vida por eles.

Dessa forma, a Contextualização e Identificação Encarnacional não se apresentam como um mero método estratégico, mas como uma exigência intrínseca ao próprio caráter do Evangelho e ao exemplo supremo de Cristo. Ao assumir nossa vocação de anunciar uma mensagem que é ao mesmo tempo supracultural, multicultural, transcultural e contracultural, reconhecemos que somente uma postura encarnacional — moldada pela humildade, pelo respeito e pelo amor sacrificial — é capaz de comunicar a verdade do Reino de modo íntegro e relevante. Assim, nossa missão torna-se um reflexo da própria missão de Jesus: entrar na realidade do outro, compartilhar sua história, assumir suas dores e, a partir desse lugar de profunda identificação, revelar a Luz de Deus que transforma toda cultura e todo coração.

CONVERSÃO, COSMOVISÃO E MISSIOLOGIA ECLESIAL

A partir da compreensão do que é a cultura e de todos os seus principais aspectos, concluímos que a conversão exige uma reavaliação de cada aspecto da vida — alcançando o nível mais profundo da cosmovisão — sob o senhorio de Cristo.

Assim sendo, a conversão assume uma tríplice dimensão (Hiebert, 2001):

1. Confronto da verdade — quanto àquilo que culturalmente fomos ensinados, apreendemos e entendemos;
2. Confronto de lealdade — quanto ao nosso compromisso com os contratos socioculturais da época em que vivemos e à convocação para sermos testemunhas fiéis de Cristo no espaço-tempo em que vivemos;
3. Confronto de poder — trata-se de uma batalha espiritual travada pelas nossas mentes e corações.

Nesse sentido, necessariamente, a verdadeira conversão a Cristo desafia o cerne da nossa herança cultural. A verdadeira conversão exige uma transformação de cosmovisão. Logo, não há espaço para o sincretismo — seja religioso ou até mesmo cultural —, pois pressupõe-se uma mistura de suposições cristãs com elementos da cosmovisão dominante incompatíveis com a fé cristã, levando a cenários como a mescla de um evangelho que enfatiza excessivamente o perdão com atitudes contraditórias aos princípios bíblicos (hipergraça), bem como a instrumentalização da fé em favor da busca pela riqueza e pelo poder (como ocorreu no período colonial).

Por fim, uma vez compreendida a necessidade de uma pregação do Evangelho contextualizada e fiel, a Igreja, em sua eclesiologia, também deve ser contextualizada e fiel.

O erro histórico da prática missionária colonialista esteve, em grande medida, na exportação de um modelo monocultural eclesial, sem abrir espaço para a imaginação de “novas igrejas” – comunidades de fé contextualizadas e correspondentes à sua realidade cultural. Por muito tempo, houve o controle por estruturas estrangeiras – especialmente de organizações missionárias e denominações norte-americanas e europeias – sobre as comunidades locais dos países tidos como alvos missionários – em sua maioria, países emergentes e do então denominado “Terceiro Mundo”. Tal controle levou ao sufocamento de qualquer iniciativa local por parte de lideranças autóctones. No entanto, se toda igreja local pode ser igreja de Deus e representação do Corpo místico de Cristo, ela deve ser livre para desenvolver sua própria identidade e, assim, expressar algo da parte de Deus para seu contexto.

Assim sendo, a igreja local deve buscar uma equivalência dinâmica, preservando os elementos e funções essenciais apresentados pela Igreja Primitiva no Novo Testamento, ao mesmo tempo que os expressa de formas equivalentes e apropriadas ao contexto cultural local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, ao revisitarmos criticamente os paradigmas que historicamente moldaram a prática missionária da Igreja Ocidental e ao contrapor-los ao testemunho bíblico e ao modelo encarnacional de Cristo, torna-se evidente que a Missão somente encontra sua integridade quando enraizada na *Missio Dei*. A compreensão profunda da cultura, a ruptura com posturas colonialistas, o compromisso com uma contextualização fiel e uma visão transformadora da conversão revelam que o anúncio do Evangelho não pode ser reduzido a agendas institucionais, imposições socioculturais ou adaptações superficiais. Pelo contrário, a Missão exige uma postura de humildade, serviço e alteridade, em que reconhecemos o outro como portador da *Imago Dei*, parte da família de Cristo e agente atuante do Reino de Deus. Assim, somos convocados a uma práxis missionária que reflita o caráter do Deus encarnado: relacional, sacrificial e culturalmente sensível. Que este caminho — bíblico e decolonial — possa nos moldar como agentes de reconciliação e que, testemunhando em palavras e práticas, apontemos para a esperança do Deus que, em Cristo, está restaurando todas as coisas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Palestra apresentada no TEDGlobal, 2009. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 20 ago. 2026.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- COMISSÃO DE LAUSANNE PARA A EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL. **O evangelho e a cultura**: relatório da reunião de consulta realizada em Willowbank, Somerset Bridge, Bermudas. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: ABU Editora; Visão Mundial, 1983. (Série Lausanne, v. 2).
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.
- KWAST, Lloyd. Understanding culture. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C. (org.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. p. 397-401.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Antropologia missionária**. São Paulo: Instituto Antropos, 2011.
- MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.